

JOHN LOCKE
ALGUNS PENSAMENTOS ACERCA DA EDUCAÇÃO

Tradução, apresentação e notas:
Avelino da Rosa Oliveira
Gomercindo Ghiggi

Parte 8¹ — (§§ 111-115)

§. 111. O *choro* é uma falta que não deve ser tolerada nos filhos, não apenas pelo ruído desagradável e impertinente de que satura a casa mas, principalmente, por razões referentes aos próprios filhos, que são nosso objetivo na educação.

O choro é de dois tipos: *teimoso* e *dominador* ou *queixoso* e *lamuriante*.

1. Frequentemente, o *choro* é uma luta por domínio e uma declaração aberta de insolência ou obstinação. Quando não têm força para obter seus desejos, defenderão a prerrogativa e o direito a eles através do *clamor* e dos *soluços*. Trata-se de uma manifestação insistente de suas pretensões e uma forma de protesto contra a opressão e a injustiça daqueles que lhes negam o que eles desejam.

§. 112. 2. Às vezes, o *choro* é resultado de dor ou tristeza verdadeira e seu *lamento* devido a elas.

Se for observado atentamente, podem-se distinguir facilmente esses dois, pela aparência, pela expressão, pelas ações e, particularmente, pelo tom do choro da criança; nem um, nem outro, entretanto, deve ser tolerado, muito menos estimulado.

1. O *choro orgulhoso* ou obstinado não deve ser permitido de modo

¹ A tradução teve início na edição n.13, 1999.

algun, pois não é senão outra forma de incitar seus desejos e estimular aquelas paixões cuja subjugação é nossa principal tarefa. E, se ocorrer, como freqüentemente ocorre, enquanto recebem qualquer correção, destrói todos os seus bons efeitos, pois qualquer castigo que os leve a esta rebelião declarada serve unicamente para torná-los piores. As restrições e punições aplicadas aos filhos serão todas inadequadas e inúteis se não dominarem suas vontades, se não os ensinarem a submeter suas paixões e tornar suas mentes flexíveis e maleáveis ao que a razão dos pais os aconselha agora e, portanto, se não prepará-los para obedecer ao que sua própria razão há de aconselhá-los mais tarde. Mas, se em qualquer coisa em que sejam contrariados, se lhes tolerar que sigam chorando, eles confirmam-se em seus desejos e acalentam o mau humor com uma declaração de seus direitos e uma resolução de satisfazer suas inclinações na primeira oportunidade que tenham. Esse é, pois, outro argumento contra o uso freqüente de tundas, porque sempre que chegueis àquele extremo, não será suficiente fustigá-los ou surrá-los; deveis fazê-lo até que acrediteis ter-lhes subjugado as mentes, até que aceitem a correção com submissão e paciência. Isso haveis de reconhecer melhor pelo fato de cessarem o *choro* a vosso comando. Sem isso, surrar os filhos não é senão uma tirania movida pela paixão; e é mera crueldade e não correção submeter-lhes o corpo à dor, sem fazer qualquer bem a sua mente. E, se tudo isso nos indica que os filhos raramente deveriam ser corrigidos deste modo, também previne que sejam assim. Porque, se todas as vezes em que foram castigados, o fossem sem paixão, com moderação e, ainda assim, de modo efetivo, impondo-se-lhes as palmadas e a dor sem raiva ou sofreguidão, mas lentamente, mantendo a razão, observando o efeito produzido e detendo-se quando se lhes tenha tornado flexíveis, arrependidos e dóceis, raramente eles necessitariam tal punição novamente, tornando-se cuidadosos em evitar a falta que os fez merecer o castigo. Além disso, por este modo de proceder, a punição não se perderia por ser muito pequena e ineficiente nem correria o risco de ser demasiada, se nos detivéssemos assim que percebêssemos que houvesse alcançado a mente e a melhorado. Mas, como a censura ou a surra dos filhos deveria sempre ser o mínimo possível, aquela que é aplicada sob o calor da raiva, raramente observa a medida: costumeiramente, é mais do que deveria ser, embora se revele menos do que o suficiente.

§. 113. 2. Muitas crianças têm tendência a chorar por qualquer pequena dor que tenham que suportar e o menor mal que se abata sobre elas leva-as a queixumes e choro estridente. Poucas escapam disso, pois, sendo este o primeiro meio natural de declararem seus sofrimentos e desejos, ainda antes de poderem falar, a compaixão que tola mente se crê ser adequada àquela tenra idade estimula essa tendência e a mantém nas

crianças por muito tempo ainda depois de poderem falar. Reconheço que é dever de quem cuida as crianças compadecê-las sempre que sofram qualquer mal, mas não há que se demonstrar comiseração. Auxiliai-as e aliviái-as o quanto possível; de modo algum, porém, pranteai-as. Isso enfraquece-lhes a mente e as torna sensíveis aos menores males que lhes sobrevenham. Deste modo, debilitam mais profundamente aquela parte já sentida e provocam feridas maiores do que se procedessem de modo diverso. As crianças devem ser obduradas contra quaisquer sofrimentos, especialmente os do corpo; não devem ser sensíveis senão ao que procede da vergonha e de um apurado senso de honra. O grande número de problemas a que a vida está exposta requer que não sejamos demasiadamente sensíveis a cada pequena dor. Aquilo que não se abate sobre nossa mente produz tão-só impressões superficiais e causa-nos apenas males muito pequenos. É o sofrimento do nosso espírito o que provoca e prolonga a dor. Esta força e insensibilidade da mente é a melhor armadura que podemos ter contra os males comuns e os acidentes da vida; e, sendo esta uma disposição que há de ser conquistada pelo exercício e pelo costume, mais do que através de qualquer outro meio, sua prática deve ser logo iniciada, e é feliz o homem a quem cedo ela é ensinada. Nada que eu conheça aumenta tanto nas crianças aquela efeminação de espírito, a qual convém prevenir ou curar, quanto o *choro*; por outro lado, nada a detém nem a restringe tanto quanto serem impedidas desse tipo de *queixume*. Quando se machucam levemente em batidas e tombos, não devem ser consoladas por terem caído, mas instadas a recomeçarem; além de interromper-lhes o *choro*, é um meio melhor de curar a desatenção e prevenir novos tombos do que censurá-las ou pranteá-las. Seja, pois, quais forem os ferimentos que sofram, detende-lhes o *choro* e isso lhes proporcionará mais calma e tranqüilidade no presente, bem como obdurá-las para o futuro.

§. 114. O primeiro tipo de *choro* requer severidade para silenciá-lo e, quando um olhar ou um comando positivo não forem suficientes, as palmadas o serão. Visto que procede do orgulho, da teimosia e da birra, a vontade – lugar onde se encontra a falta – deve ser dobrada e forçada a obedecer, por meio do rigor necessário para dominá-la. Esse último, entretanto, provindo de modo ordinário da fragilidade da mente – uma causa até contrária –, há que ser tratado com mão mais suave. A persuasão, desviar os pensamentos em outra direção ou rir das *lamúrias* da criança talvez possa ser, a princípio, o método apropriado. Entretanto, as circunstâncias e o seu temperamento particular têm que ser levados em consideração. Não podem ser estabelecidas regras invariáveis sobre isso; é preciso confiar na prudência dos pais ou do tutor. No entanto, penso poder

afirmar, de modo geral, que deve haver uma constante desaprovação também desse tipo de *choro* e que um pai, através de sua autoridade, olhares e palavras, deve sempre detê-lo, adicionando um grau maior de dureza nos olhares e palavras, quanto mais avançada for a idade do filho ou mais resoluto for seu temperamento. Que seja, entretanto, sempre suficiente para silenciar-lhe os *soluços* e pôr fim à desordem.

§. 115. A *covardia* e a *coragem* estão de tal modo relacionadas aos temperamentos recém-mencionados que não deixa de ser oportuno lembrá-las aqui. O medo é um sentimento que, se bem conduzido, tem sua utilidade. Embora o amor-próprio raramente falhe em mantê-lo vigilante e atento, ainda assim pode haver algum excesso para o lado da ousadia; e a *blasonaria* e a insensibilidade diante do perigo são tão pouco razoáveis quanto tremer e retrair-se ante a aproximação de qualquer pequeno mal. O medo nos foi dado como monitor para agilizar a prontidão e manter-nos em guarda contra as aproximações do mal. Portanto, não avaliar convenientemente o perigo, mas expor-se a ele descuidadamente, sejam quais forem os riscos, sem considerar que utilidade e conseqüências possam sobrevir, não é atitude de uma criatura racional, mas fúria bestial. Aqueles que têm filhos com esse temperamento têm pouco a fazer para despertar sua razão, à qual o senso de autopreservação rapidamente os predisporá a ouvir, a menos que (como usualmente é o caso) algum outro sentimento conduza-os impetuosamente, sem reflexão e sem exame. A aversão ao mal é algo tão natural no ser humano que acredito que ninguém esteja isento de temê-la, pois o medo não é senão um desconforto pela preocupação de que se abata sobre nós aquilo que não nos agrada. Portanto, sempre que alguém se expõe ao perigo, podemos afirmar que o faz conduzido pela ignorância ou sob o comando de algum sentimento mais imperioso, pois ninguém é suficientemente inimigo de si próprio ao ponto de pôr-se ao alcance do mal por livre escolha e de buscar o perigo a bem do perigo. Se forem, portanto, o orgulho, a vanglória ou o furor os responsáveis por silenciarem o medo da criança ou por impedi-la de ouvir seus conselhos, estes devem ser enfraquecidos, através de meios adequados, a fim de que um pouco de reflexão possa abrandar-lhe o calor e fazê-la pensar se o empreendimento vale o risco. Sendo esta, porém, uma falta de que as crianças raramente são culpadas, não devo abordar mais particularidades de sua cura. A fraqueza de espírito é o defeito mais comum e, portanto, requer maior atenção.

A *fortaleza* é a sentinela e o suporte das demais virtudes; sem a coragem, o homem dificilmente manter-se-á firme em suas obrigações e atingirá o caráter de homem verdadeiramente valoroso.

A *coragem*, que nos faz suportar os perigos que tememos e os males que sofremos, é de grande utilidade numa situação como esta em que nos

encontramos nesta vida, sendo atacados de todos os lados. Portanto, é deveras aconselhável revestir os filhos com esta armadura tão cedo quanto possível. Assumo que, nesse caso, o temperamento natural conta muito; no entanto, mesmo quando ele é falho e o coração é em si fraco e temeroso, é possível, através de procedimentos adequados, conduzi-lo a um resultado melhor. Já chamei a atenção sobre o que deve ser feito para prevenir que o espírito das crianças seja alquebrado pelas apreensões receosas que lhes são instiladas quando pequenas ou pelas lamentações por qualquer sofrimento insignificante. Resta serem considerados os meios para obdurar-lhes o temperamento e aumentar-lhes a *coragem*, se as considerarmos demasiadamente predispostas ao medo.

Tomou por verdadeira fortaleza a posse serena do homem sobre si próprio e o cumprimento imperturbável de suas obrigações, independentemente dos males que o atormentem ou dos perigos que se interponham em seu caminho.² Há tão poucos homens que atingem esse nível que não devemos esperar que crianças o façam. Não obstante, alguma coisa pode ser feita, sendo possível, através de passos resolutos e condutas sensatas, levá-las além do que se espera.

A negligência desses cuidados enquanto elas são pequenas talvez seja a razão por que há tão poucos homens que, quando adultos, têm tal virtude em toda sua extensão. Pensasse eu que a verdadeira fortaleza não requer mais do que coragem no campo de batalha e desapego pela vida diante do inimigo, não deveria dizer isso de uma nação naturalmente tão brava quanto a nossa. Reconheço que esta não é uma parte irrelevante, nem se há de negar honrarias e lauréis, sempre justamente devidos, ao valor daqueles que aventuram suas vidas pela pátria. Isso, no entanto, não é tudo. Os perigos ameaçam-nos em outros lugares além dos campos de batalha. Embora a morte seja o soberano terror, ainda assim, a dor, a desgraça e a pobreza têm olhares amedrontadores, capazes de transtornar a maioria dos homens sobre os quais elas ameaçam abater-se; e há homens que fazem pouco de algumas, porém temem vivamente a outra. A verdadeira fortaleza está preparada para os perigos de todos os tipos e é inabalável, seja qual for o mal que a ameaça. Não me refiro a “inabalável” no sentido de inexistência absoluta de qualquer medo. Onde quer que o perigo se mostre, a menos que se seja estulto, não se pode carecer da apreensão. Onde há perigo, deve haver senso de perigo, assim como medo na proporção adequada para manter-nos despertos e excitar-nos a atenção, a prontidão e o vigor, mas não para perturbar-nos o uso tranqüilo da razão nem impedir a execução do que ela dita.

² Locke, com o que propõe, intenta a formação de seres humanos morais responsáveis, ou seja, capazes de evitar a violação da *lei da natureza*.

O primeiro passo para alcançar essa firmeza nobre e viril é, conforme mencionei anteriormente, preservar cuidadosamente as crianças, quando pequenas, de todos os tipos de medos. Não permitais que qualquer apreensão medrosa lhes seja introduzida através do que se lhes conta, nem que sejam assustadas por objetos terríveis. Frequentemente, isso perturba e abala de tal modo o espírito que elas nunca mais o recuperam; durante toda a vida, à primeira sugestão ou aparência de qualquer idéia terrificante, são dispersadas e confundidas, o corpo é enfraquecido e a mente perturbada, e, quando homens adultos, dificilmente são capazes de qualquer ação serena ou racional. Quer isso seja resultado de um movimento habitual dos espíritos animais, introduzido pela primeira impressão forte, quer resulte de alteração da compleição, de algum modo mais inexplicável, é certo que assim acontece. Há, em todo lugar, exemplos de pessoas que suportam, durante toda a vida, em suas mentes fracas e temerosas, os efeitos de algum susto quando eram pequenas; portanto, tanto quanto possível, isso há que ser evitado.

O passo seguinte é, procedendo suavemente, por etapas, acostumar as crianças àquelas coisas que as assustam demasiadamente. Aqui, porém, há que se ter muito cuidado para não ir muito rapidamente nem buscar esta cura muito cedo, a fim de que não aumenteis o mal ao invés de remediá-lo. As crianças de colo podem facilmente ser mantidas longe dos objetos assustadores, e até que possam falar e compreender o que lhes é dito, estão muito pouco aptas aos raciocínios e ao discurso que deve ser empregado para levá-las a saber que não há perigo naqueles objetos assustadores com os quais queremos familiarizá-las e que, para tanto, queremos aproximar mais e mais delas, através de etapas suaves. Portanto, até que possam andar correndo e que saibam falar, não há necessidade, senão raramente, de usar esses meios com elas. Entretanto, se ainda assim acontecer de as crianças ficarem impressionadas com alguma coisa que não possa ser facilmente retirada do seu caminho e que as aterrorize sempre que lhes venha à vista, devem ser usadas todas as formas de atenuar o medo, desviando-lhes os pensamentos ou associando a este objeto coisas de aparência aprazível e agradável, até que se lhes torne familiar e inofensivo.

Acredito que podemos observar que, logo que as crianças nascem, todos os objetos visíveis que não lhes ferem os olhos são-lhes indiferentes; um negro ou um leão não as assusta mais do que sua ama ou do que um gato. O que é, pois, que mais tarde as amedronta em certas misturas de forma e cor? Nada senão as apreensões com relação ao mal que acompanha essas coisas. Mamasse a criança cada dia numa nova ama, calculo que a mudança de caras não a assustaria mais aos seis meses de idade do que aos sessenta anos. A razão, pois, de ela não ir com um estranho é ter sido

acostumada a receber o alimento e o carinho somente de uma ou duas pessoas que estão sempre com ela; assim, a criança fica apreensiva de que, por estar nos braços de um estranho, seja privada de quem a alimenta, alegre e a todo instante satisfaz seus desejos e, portanto, tem medo quando a ama ausenta-se.

A única coisa de que naturalmente temos medo é a dor ou a perda do prazer. E, como estas coisas não estão ligadas a qualquer forma, cor ou tamanho de objetos visíveis, não nos assustamos com elas até que tenhamos sentido a dor que delas provém ou até que tenham sido colocadas em nós as noções do mal que podem causar-nos. A agradável resplandecência, o brilho das chamas e do fogo agrada tanto as crianças que a princípio sempre desejam manuseá-lo; quando as experiências constantes convencem-nas, através da dor intensa a que as submete, do quanto é impiedoso e cruel, elas ficam com medo de tocá-lo e evitam-no cuidadosamente. Sendo este o fundamento do medo, não é difícil descobrir de onde ele se origina e os meios de ser curado quando se trata de objetos que assustam injustificadamente. Quando a mente é firmada contra esses temores vão e adquire domínio sobre si própria e sobre os medos comuns nas ocasiões mais fáceis, está bem preparada para defrontar-se com perigos mais reais. Se vosso filho grita e foge ao ver um sapo, fazei com que outra pessoa pegue um e o coloque a uma distância adequada; inicialmente, acostumai-o a olhá-lo; quando ele conseguir fazê-lo, acostumai-o a aproximar-se e vê-lo saltar, sem perturbação; depois, a tocá-lo suavemente quando esteja firmemente seguro na mão de outro; e assim sucessivamente, até que possa vir a manuseá-lo de modo tão confiante como se fosse uma borboleta ou um pardal. Do mesmo modo, podem ser suprimidos quaisquer outros temores vão, contanto que seja tomado o cuidado de não irdes muito rapidamente e de não avançardes com a criança para um novo degrau de confiança antes que ela se haja afirmado completamente no precedente. Assim deve o jovem soldado ser preparado para a campanha da vida, onde há que se ter cuidado para que as coisas não sejam representadas como mais perigosas do que realmente são; então, sempre que constateis que algo o assusta mais do que deveria, instigai-o a avançar, através de etapas imperceptíveis, até que, finalmente, livrando-se do medo, domine a dificuldade e saia-se dela com louvor. Êxitos dessa categoria, freqüentemente repetidos, fá-lo-ão descobrir que os males não são tão certos nem tão grandes como nossos medos os representam, e que a maneira de evitá-los não é fugir nem deixar-se desconcertar, abater ou perturbar pelo medo, quando tanto a reputação quanto o dever exigem que prossigamos.

Como, porém, o grande fundamento do medo nas crianças é a dor, a maneira de endurecê-las e fortificá-las contra o medo e o perigo é acostumá-

las a sofrer dor. Pelos pais afetuosos, isto possivelmente será julgado como uma coisa muito inatural contra seus filhos e, pela maioria, será considerado irracional empenhar-se em adaptar alguém ao senso de dor, fazendo-o abater-se sobre ele. Dir-se-á que talvez possa gerar na criança uma aversão àquele que a faz sofrer; jamais, entretanto, fá-la-á dar crédito à dor em si. É um método estranho. Não haveis de fustigar ou punir os filhos por suas faltas, mas os atormentareis por procederem bem, ou pelo simples atormentar-lhes. Não tenho dúvida de que serão feitas objeções desse tipo e que, propondo isto, serei considerado inconsistente comigo mesmo, ou esdrúxulo. Admito que isto é algo a ser tratado com muita discrição e, portanto, não é fora de propósito que não seja acolhido ou apreciado, senão por quem reflete e penetra na razão das coisas. Não proponho que os filhos sejam muito surrados por suas faltas, pois não gostaria que pensassem que a dor corpórea é a maior punição; e proponho que, quando se conduzem bem, sejam algumas vezes submetidos à dor, pela mesma razão: para que possam ser acostumados a suportá-la sem vê-la como o maior dos males. O exemplo de *Esparta* demonstra suficientemente o quanto a educação pode acostumar os jovens à dor e ao sofrimento. E aqueles que chegarem a não considerar a dor corpórea como o maior dos males, do qual devem conservar-se mais temerosos, não terão feito um progresso pequeno em direção à virtude. Mas não sou tão tolo a ponto de propor, em nossos dias e com nossa constituição, disciplina lacedemônia.³ Ainda assim, insisto em afirmar que acostumar os filhos a insensivelmente sofrer alguns graus de dor, sem retrair-se, é um modo de granjear firmeza para suas mentes e de deitar os fundamentos da coragem e da resolução para o futuro de suas vidas.

O primeiro passo a ser dado é não lastimar-se (bemoan) por eles, nem permitir que se queixem (bemoan) por qualquer pequena dor que sofram. Disto, entretanto, já tratei alhures.⁴

A próxima etapa é, de vez em quando, submetê-los deliberadamente à dor. Deve-se, porém, ter o cuidado de fazê-lo quando a criança esteja de bom humor e enquanto esteja convencida da boa vontade e da benevolência daquele que a machuca. Não deve haver sinais de brabeza e desagrado, nem de compaixão e remorso; ademais, deve-se ter a certeza de não ultrapassar o limite que a criança é capaz de suportar sem queixar-se nem levar esse tratamento a mal ou como castigo. Tratada com esta gradação e sob tais condições, já vi uma criança que choraria ante uma palavra dura e que seria muito sensível ao castigo de um olhar frio sair rindo com umas boas varadas nas costas. Através da demonstração constante do vosso cuidado e atenção,

³ Locke refere-se à Lacedemônia, ou Lacônia, o nome antigo de Esparta. (N. T.)

⁴ Cf. §. 113. (N. T.)

tornai a criança segura de que a amais verdadeiramente e ela gradualmente acostumar-se-á a suportar de vós tratamentos muito duros e dolorosos sem encolher-se ou queixar-se. E isto vemos as crianças fazerem todos os dias, ao brincarem umas com as outras. Quanto mais delicado achardes que vosso filho é, mais ocasiões deveis buscar para, nos momentos adequados, endurecê-lo desse modo. Nisto, a grande arte é começar com algo que seja bem pouco doloroso e proceder através de degraus imperceptíveis, quando estiverdes em boa relação com ele, brincando e elogiando-o. E, quando tiverdes conseguido que ele se considere recompensado em seu sofrimento pelos louvores atribuídos a sua coragem, quando ele puder orgulhar-se de dar tais provas de virilidade e for capaz de preferir a reputação de ser intrépido e valente a evitar uma pequena dor ou retrair-se ante ela, então não deveis desesperar que, com o tempo e através da ajuda de sua crescente razão, chegue a dominar o medo e corrigir a fraqueza de sua constituição. À medida que cresce, deve ser colocado ante desafios mais audazes do que aqueles a que é levado por seu temperamento natural. E, sempre que observeis que ele se retrai diante de algo que com razão se esperaria que pudesse superar se tivesse coragem de propor-se a fazer, inicialmente ele deve ser ajudado e, pouco a pouco, levado e envergonhar-se, até que, finalmente, a prática dê-lhe mais confiança, e com ela o domínio, o qual deve ser recompensado com grandes elogios e com a opinião favorável dos demais por seu desempenho. Quando, através dessas etapas, ele houver adquirido resolução suficiente para não atemorizar-se diante do que deve ser feito, por receio do perigo; quando o medo, em situações imprevistas ou perigosas, não chegar a descompor-lhe a mente, fazer tremer seu corpo, torná-lo incapaz de agir ou levá-lo a fugir de fazê-lo, então ele terá a coragem de uma criatura racional. E deveríamos buscar tal endurecimento pelo costume e pelo hábito que deve ser proporcionado aos filhos quando as ocasiões apropriadas se nos apresentam.

Avelino da Rosa Oliveira e Gomercindo Ghiggi são professores de Filosofia da Educação na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Com vários trabalhos de parceria, publicaram em co-autoria *“Locke e o conceito de disciplina ou os pressupostos da educação burguesa”*, em Cadernos de Educação, n.4 e o livro *“O conceito de disciplina em John Locke”*, pela EDIPUCRS, em 1995. Ambos são mestres em Filosofia (PUCRS) e doutores em Educação (UFRGS).

E-mails: avelino.oliveira@ufpel.edu.br
gghiggi@terra.com.br
